A face mais íntima de Deus

Coleção **TEOLOGIA SISTEMÁTICA**

- *Curso fundamental da fé,* K. Rahner
- *Teologia do sacramento da penitência,* J. R. Regidor
- *Unidade na pluralidade,* A. G. Rubio
- *Teologia da história – ensaio sobre a revelação...,* B. Forte
- *História humana: revelação de Deus,* E. Schillebececkx
- *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré,* J. Luis Segundo
- *História da penitência – das origens aos nossos dias,* P. Rouillard
- *Maria na tradição cristã – a partir de uma perspectiva contemporânea,* K. Coyle
- *Introdução à Cristologia,* W. P. Loewe
- *Escatologia da pessoa – vida, morte e ressurreição* (Escatologia I), R. J. Blank
- *Escatologia do mundo – o projeto cósmico de Deus* (Escatologia II), R. J. Blank
- *Quando Cristo vem... a parusia na escatologia cristã,* Leomar Brustolin
- *Teologia da ternura – Um "evangelho" a descobrir,* Carlo Rocchetta
- *Mariologia social – O significado da Virgem para a sociedade,* Clodovis Boff, OSM
- *Missão para todos – Introdução à Missiologia,* João Panazzolo
- *Jesus – A história de um vivente,* Edward Schillebeeckx
- *Maria corredentora?*, Hendro Munsterman
- *De esperança em esperança – Escatologia*, Antonio Manzatto, J. Décio Passos, Sylvia Villac
- *A Igreja e seus ministros – Uma teologia do ministério ordenado,* Francisco Taborda, SJ
- *A face mais íntima de Deus – Elementos-chave da Revelação*, Renold Blank

RENOLD BLANK

A face mais íntima de Deus

Elementos-chave da Revelação

PAULUS

Direção editorial: *Zolferino Tonon*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Revisão: *Márcia Elisa Rodrigues*
Thiago Augusto Dias de Oliveira
Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Blank, Renold
A face mais íntima de Deus: elementos-chave da Revelação / Renold Blank. – São Paulo: Paulus, 2011. – (Coleção Teologia sistemática)

Bibliografia.
ISBN 978-85-349-3283-7
1. Deus 2. Deus - Amor 3. Deus - Onipotência 4. Revelação I. Título. II. Série.

11-08967 CDD-231.74

Índices para catálogo sistemático:
1. Deus: Revelação: Teologia cristã 231.74

1ª edição, 2011

PAULUS – 2011
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
Fax: (11) 5579-3627
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3283-7

1.

Redescobrir um Deus capaz de encher o vazio dos corações humanos

Perguntando às pessoas na rua sobre como imaginariam Deus, geralmente ouvem-se respostas como "Deus é onipotente; Deus é Senhor; Deus é eterno, infinito e maior que tudo o que se pode imaginar".

Os mais bem informados ainda lembram que Deus é criador, característica que por sua vez tem muito a ver com o seu poder. E há outros que mencionam a onisciência e às vezes até o amor. Com isso, chegamos, em geral, ao fim do repertório, e os poucos que pensam saber ainda mais explicam que Deus é Pai e lembram que ele se revelou em Jesus Cristo. Depois disso, normalmente, as pessoas se calam. Mas, no seu silêncio, perdoura a indagação não expressa se atrás de tudo aquilo que foi dito talvez não houvesse mais...

E, nas profundezas não vocalizadas de tantos olhos questionadores, sente-se o anseio de que de fato pudesse ser mais.

Desejo inconsciente e instantaneamente reprimido pelos chavões interiorizados de longa data, decorados e repetidos desde criança e ouvidos em tantas e tantas lições de catequese.

Há de fato relativamente poucos fiéis que, além dos estereótipos correntes, ainda conhecem outros conteúdos sobre como Deus é. Estes, em geral, mencionam como

fonte do seu saber a própria Bíblia, os livros de piedade e também as celebrações litúrgicas.

Do Deus todo-poderoso se fala muito nas liturgias e também na formação dos fiéis. Até o Credo da Igreja católica menciona tal característica em lugar predominante. Sendo assim, os cristãos e as cristãs que baseiam a sua imagem de Deus nesse fundamento com certeza não estão errados.

Constatamos, porém, que a maioria das pessoas se contenta com esse saber sobre Deus. Assim vivem com a segurança de uma fé oficialmente sancionada; e o fato de os seus corações ficarem vazios, apesar da onipotência de Deus, apresenta-se para muitos como consequência inevitável da existência humana. Mesmo cientes da onipotência de Deus, não preenchem os seus corações, e, por causa disso, há muitos que deixam esse Deus todo-poderoso lá no céu dele. Eles se lembram de Deus quando precisam da sua onipotência para resolver problemas, mas, além disso, preferem buscar outras fontes para encher o vazio dos seus corações. Estão buscando canções melhores, em lugares muito distantes, enquanto têm tão perto de si aquela única melodia, capaz de satisfazer todos os anseios do seu coração entristecido. Mas eles não o sabem.

Há outros, é verdade, que deveriam saber melhor, porque conhecem os textos respectivos. Mas também no meio deles se fala demais de um Deus do poder, da sua autoridade, da sua glória e de seu domínio. Parece que, no psiquismo de muitos, religião e fascínio pelo poder ficam interligados por algumas afinidades secretas.

Os peritos em interpretação de textos canônicos, além disso, reagem perplexos quando se chama a atenção deles para o fato de que a sua tradicional caracterização de Deus como todo-poderoso não é muito diferente da maneira pela qual praticamente todas as outras religiões também apresentam os seus deuses.

Portanto, as denominações de Deus como onipotente, onisciente, santo ou eterno em nada são exclusivas da religião cristã. Pelo contrário, têm lugar na maioria das religiões.

Os deuses supremos do Egito foram venerados a partir dessas características, da mesma maneira como Marduk, o deus astral supremo da Babilônia, ou Zeus, da antiga cultura grega. Todas essas divindades e muitas outras ainda foram consideradas pelos seus adeptos como todo-poderosas. Nos tratados do filósofo grego Aristóteles, encontramos, além disso, longas reflexões sobre a eternidade da divindade. E que Deus é o Alfa e o Ômega não é em nada uma fórmula do cristianismo primitivo, tal como muitos cristãos atualmente imaginam. Quem a usou foi o filósofo pagão mencionado, e este, como se sabe, viveu no século IV a.C.

Ideias similares, aliás, encontramos também em Platão e no pensador romano Sêneca. Elas aparecem na teologia de Zaratustra, na Pérsia, mais de seis séculos antes de Cristo, e também na maioria das outras grandes religiões que se formaram fora do espaço cultural euro-mesopotâmico.

Diante de tais fatos, aqueles que se chamam cristãos talvez estejam sendo confrontados com um problema totalmente novo. Numa época de crescente diálogo inter-religioso, eles são desafiados por indagações como: "Com que direito mantemos a pretensão de achar que o nosso Deus é o Deus verdadeiro, enquanto o Deus dos não cristãos deve ser considerado um deus falso?". Os não cristãos, por sua vez, acham exatamente que o Deus deles é verdadeiro e que os deuses dos outros são falsos.

Diante dessa situação, surge para os cristãos deste século, marcado por crescente globalização cultural, uma nova e muito urgente indagação: Em que o seu Deus Su-

premo, afinal, se distingue das divindades supremas de todas as outras religiões?

A informação de que ele é onipotente, onisciente e eterno não é mais prova nenhuma da sua exclusividade. O mesmo dizem os representantes das outras religiões a respeito das suas próprias divindades.

Numa época marcada pelo diálogo inter-religioso, tal fato se torna cada vez mais consciente. Junto com essa conscientização, porém, cresce a exigência de definir, de maneira clara e convincente, quais são os elementos específicos da própria imagem de Deus.

A imagem de Deus presente na maioria dos cristãos e das cristãs: Deus é: - onipotente - infinito - santo - eterno - onisciente
Problema: Deus realmente tem essas características! Mas, para saber isso, não é preciso necessariamente abrir a Bíblia. Todas elas já foram mencionadas pelos filósofos pagãos da antiga cultura grega, além disso, encontramo-nas também na maioria das religiões não cristãs. *Daí surge a indagação crítica:* Onde se encontra aquilo que é especificamente novo na concepção bíblica e cristã de Deus?

As breves reflexões introdutórias mencionadas no quadro anterior já mostraram que não basta – ou não

basta mais – apresentar o Deus dos cristãos a partir dessas fórmulas gerais.

Tais fórmulas hoje não convencem mais, independentemente de terem, durante séculos, sido transmitidas pelas Igrejas e seus representantes.[1] Aliás, transmitidas com êxito, porque até hoje estão presentes, de maneira dominante, no imaginário religioso dos cristãos e das cristãs.

Mas a onipotência e a existência eterna de um Deus se apresentam hoje para muitos mais como elementos assustadores do que atraentes, e isso, sobretudo, diante do pano de fundo do inimaginável abuso de poder, com o qual os homens estão sempre sendo confrontados, seja olhando pela história do passado, seja observando as suas manifestações na época presente.

O fato de, no decorrer da história, terem sido acentuados insistentemente o poder, a grandiosidade e a glória de Deus tem razões que em muito ultrapassam a teologia. Elas, além do desejo de ter tal aliado ao seu lado, também abrangem a vontade de justificar o próprio poder. Além disso, elas têm a sua raiz também na vontade específica de intimidar e de provocar medo.

A maioria dos adeptos da imagem cristã de Deus não tem mais a mínima consciência de que tais mecanismos existiam e em parte até hoje existem. Os efeitos deles atuam ainda de forma inconsciente nas pessoas, e as características assustadoras de Deus são abrandadas em cerimônias cada vez mais suntuosas. Contudo, nem desses mecanismos, em geral, as pessoas estão conscientes.

Assim, encontramo-nos, já no início de nossas reflexões, diante de uma situação extremamente complexa. No seu centro, fica a indagação inquietante: "Como será

---

[1] Cf. Em termos de exemplificação atual da problemática: GRETCHA, Job. Comment témoigner du Christ dans un monde qui ne croit pas? *Irénikon*, Revue des Moines de Chevetogne, n. 1, p. 33-52, 2009.

possível encontrar-se hoje e no futuro com aquele Deus do qual fala a religião cristã e cujas primeiras manifestações foram descritas nos textos bíblicos do judaísmo?"

Será que ainda é possível acreditar naquele Deus poderoso, numa época cada vez mais sensível diante dos mecanismos de poder, visíveis até nas próprias instituições religiosas? A pretensão autoritária delas e a sua exigência de obediência incondicional já foi rejeitada pela maioria dos integrantes das sociedades pós-modernas e pós-industriais desde o fim do século XX. Será que agora, no século XXI, devem até rejeitar o Deus tantas vezes apresentado por essas instituições como garante ameaçador e onipotente daquela obediência requerida por elas? Há pessoas demais que respondem afirmativamente a essa pergunta.

Aquele Deus das Leis e regras, assustador, que exige a observância rigorosa dos seus mandamentos e pune com dureza intransigente aqueles que não o seguem – um Deus que muitas pessoas da velha geração ainda interiorizaram –, hoje é rejeitado cada vez mais por mulheres e homens.

Os jovens simplesmente vão embora, e os representantes ainda vivos da velha geração permanecem sem resposta alguma nas suas igrejas cada vez mais vazias e lamentam a maldade do mundo moderno. Ou, por outro lado, celebram com zelo dobrado a onipotência do seu Deus, atitude que, na realidade, revela-se como tentativa de disfarçar o seu próprio medo inconsciente ante esse Deus esmagador.

Diante disso, permanece o dilema de que se o Deus dos cristãos realmente seja assim, tal como durante séculos predominantemente foi apresentado. O resultado óbvio é que cada vez menos representantes da jovem geração se deixam convencer por essa apresentação. De um lado, eles buscam desesperadamente a dimensão espiritual, de outro, distanciam-se cada vez mais de um Deus que assusta. Em consequência, eles se afastam também das instituições

que dizem representar esse Deus, isto é, das Igrejas institucionais.[2]

Tal distanciamento, porém, no fundo nada mais é do que a rejeição de uma mensagem que perdeu o seu caráter de "Boa-nova", em vez disso tornando-se frustrante. O gelo dos seus corações não foi derretido, e o seu anseio por sentido e amor permaneceu sem respostas, porque o poder, no máximo, consegue inspirar respeito, nunca, porém, amor, que dá amparo. É esse amor que estão buscando, mas as ofertas sempre mais frustrantes da indústria do consumo só aumentam o vazio dos seus corações, que anseiam pelo infinito saber.

O poder, na melhor das hipóteses,
consegue despertar respeito, porém, muito mais o medo.
Nunca o poder desperta o amor!

[2] Cf. ABURDENE, Patricia. *Megatrends 2010*. Charlottesville: Hampton Roads Publishing Company, 2007; FERNANDES, Silvia Regina Alves (org.). *Mudança de religião no Brasil*. Rio de Janeiro: Ceris, 2006; DUBACH, Alfred & FUCHS, Brigitte. *Ein neues Modell von Religion*. Zurique: Theologischer Verlag, 2005; Dinâmica populacional e Igreja Católica no Brasil, *Cadernos Ceris*, ano II, n. 3, 2002; SOUZA, Luiz Alberto Gomez de & FERNANDES, Silvia Regina Alves (org.). *Desafios do catolicismo na cidade*. São Paulo: Paulus, 2002; NAISBITT, John & ABURDENE, Patricia. *Megatrends 2000*. São Paulo: Amana-Key, 1990, p. 317ss.